SEU GRANDE AMOR PODE ESTAR MAIS PERTO DO QUE VOCÊ IMAGINA

Mais de 100 milhões de livros vendidos

NICHOLAS SPARKS

O GUARDIÃO

ARQUEIRO

O ARQUEIRO

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Larry Kirshbaum e Maureen Egen
Pessoas maravilhosas, amigos maravilhosos

Prólogo

Véspera de Natal, 1998

Exatos quarenta dias após ter segurado a mão de seu marido pela última vez, Julie Barenson estava sentada diante da janela, olhando as ruas tranquilas de Swansboro, Carolina do Norte. Fazia frio. O céu estava fechado havia uma semana e a chuva batia suavemente na vidraça. As árvores estavam desfolhadas e os galhos ásperos, curvados ao vento como dedos artríticos.

Julie sabia que Jim teria desejado que ela ouvisse música essa noite. Ao fundo, Bing Crosby cantava "White Christmas". Também havia sido para ele que montara a árvore, mas quando decidira fazer isso os únicos pinheiros restantes já estavam secos, abandonados do lado de fora do supermercado para quem quisesse levá-los. Não tinha importância. Na verdade, não conseguira reunir energia suficiente para se importar nem mesmo depois de terminar de decorar a árvore. Estava difícil sentir qualquer coisa desde que o tumor no cérebro de Jim enfim lhe tirara a vida.

Aos 25 anos, Julie era viúva e detestava tudo nessa palavra: o som, o significado, o modo como sua boca se movia ao pronunciá-la. Evitava-a ao máximo. Se as pessoas lhe perguntavam como estava, limitava-se a dar de ombros. Mas às vezes, apenas às vezes, sentia necessidade de responder.

Quer saber como é ser viúva? Então lhe direi: Jim está morto e agora sinto como se eu também já não vivesse mais.

Julie se perguntava se era isso que as pessoas queriam ouvir. Ou se esperavam que ela dissesse os lugares-comuns: *Vou ficar bem. É difícil, mas vou superar isso. Obrigada por perguntar.* Ela achava que poderia se mostrar forte, mas nunca fizera isso. Era mais simples e honesto apenas dar de ombros e não dizer nada.

Afinal de contas, não sentia que ficaria bem. Durante metade do tempo não achava nem que seria capaz de chegar ao fim do dia sem desmoronar. Sobretudo em noites como essa.

Julie encostou a mão na janela, que refletia o brilho das luzes da árvore, sentindo o vidro frio em sua pele.

Mabel a havia convidado para jantar naquela noite, mas Julie recusara. O

mesmo convite tinha sido feito por Mike, Henry e Emma – todos rejeitados. Eles compreenderam, ou fingiram compreender, porque estava óbvio que achavam que ela não deveria ficar sozinha. Talvez estivessem certos. Tudo na casa – tudo o que via, cheirava e tocava – fazia com que ela se lembrasse de Jim. As roupas dele ocupavam metade do closet, o barbeador ainda estava perto da saboneteira no banheiro e o último número da *Sports Illustrated* chegara pelo correio no dia anterior. Na geladeira ainda havia duas garrafas de Heineken, a cerveja favorita dele. Mais cedo naquela noite, ao vê-las na prateleira, Julie havia sussurrado para si mesma: "Jim nunca as beberá." Em seguida fechara a porta, se encostara nela e passara uma hora chorando na cozinha.

A cena do lado de fora da janela estava desfocada. Perdida em pensamentos, Julie aos poucos notou o som surdo de um galho batendo na parede. A batida era persistente e firme, e um instante depois ela percebeu que não era um galho.

Alguém estava batendo à porta.

Julie se levantou com movimentos letárgicos. À porta, parou para passar as mãos pelos cabelos, numa tentativa de se recompor. Se fossem seus amigos querendo saber como ela estava, não queria que eles se sentissem obrigados a ficar um pouco para lhe fazer companhia. Porém, ao abrir, ficou surpresa por ver um jovem com uma capa de chuva amarela. Em suas mãos havia uma grande caixa embrulhada.

– Sra. Barenson?

– Sim.

O rapaz deu um passo à frente, hesitante.

– Vim lhe entregar isto. Meu pai disse que era importante.

– Seu pai?

– Ele quis ter certeza de que a senhora receberia esta noite.

– Eu o conheço?

– Não sei. Mas ele insistiu muito. É um presente de outra pessoa.

– De quem?

– Meu pai disse que você entenderia quando abrisse a caixa. Mas não a balance e mantenha este lado para cima.

Antes que Julie pudesse impedi-lo, o jovem pôs a caixa nos braços dela e se virou para ir embora.

– Espere – disse ela. – Não entendo...

O jovem olhou por cima do ombro e disse:

– Feliz Natal!

Julie ficou parada à porta, observando-o entrar na picape. Ao voltar para dentro, pôs a caixa no chão em frente à árvore e se ajoelhou ao lado dela. Uma rápida olhada confirmou que não havia nenhum cartão ou qualquer outra indicação de quem a enviara. Ela desfez o laço, levantou a tampa e se viu olhando, sem palavras, para o presente.

Ele era pequeno e peludo, pesava menos de um quilo e estava sentado num canto da caixa. Era o cãozinho mais feio que ela já vira. Tinha uma cabeça grande, desproporcional ao resto do corpo. Ganindo, ele a olhou com olhos remelentos.

Alguém resolveu me dar um filhote de cachorro, pensou Julie. E um filhote feio.

Preso dentro da caixa havia um envelope. Ao estender a mão para pegá-lo, ela reconheceu a letra e se deteve. Não, pensou, não pode ser...

Julie tinha visto aquela letra nas cartas de amor que Jim lhe escrevera em seus aniversários de casamento, em recados anotados às pressas quando ele atendia o telefone e em papéis empilhados na escrivaninha. Segurou o envelope na sua frente, lendo repetidamente seu nome. Então, com as mãos trêmulas, tirou a carta de dentro dele. Seu olhar se fixou nas primeiras palavras:

Querida Jules,

Era assim que Jim a chamava e Julie fechou os olhos, com a sensação de que seu corpo estava encolhendo de repente. Obrigou-se a respirar fundo e recomeçou a ler:

Querida Jules,

Sei que, se você está lendo esta carta, eu já parti. Não sei exatamente há quanto tempo, mas espero que você esteja se recuperando. Sei que isso seria difícil para mim se eu estivesse em seu lugar, mas você sabe que sempre a achei mais forte que eu.

Como pode ver, comprei um cachorrinho para você. Harold Kuphaldt era amigo de meu pai e cria cães da raça dinamarquês desde que eu era criança. Quando garoto, eu queria ter um, mas a casa era muito pequena e minha mãe nunca deixou. Eles são cães grandes, mas, segundo Harold, são os mais doces do mundo. Espero que você goste dele (ou dela).

Acho que no fundo eu sempre soube que não iria sobreviver. Mas não queria pensar nisso, pois sabia que você não tinha ninguém para ajudá-la a passar por algo assim. Quero dizer, ninguém da família. Eu ficava de coração

partido ao pensar que você enfrentaria tudo isso sozinha. Sem saber o que mais poderia fazer, tomei providências para lhe dar esse cão.

É claro que você não é obrigada a ficar com ele se não quiser. Harold disse que o aceitará de volta, sem problemas. (O número do telefone dele deve estar na caixa.)

Espero que você esteja bem. Desde que adoeci sempre me preocupei com isso. Eu amo você, Jules. Amo de verdade. Fui o homem mais sortudo do mundo por você ter entrado em minha vida. Eu ficaria arrasado se você nunca mais voltasse a ser feliz. Então, por favor, faça isso por mim. Seja feliz de novo. Encontre alguém que a faça feliz. Isso pode ser difícil ou talvez você pense que é impossível, mas eu gostaria que tentasse. O mundo fica melhor quando você sorri.

E não se preocupe. De onde estiver, cuidarei de você. Serei seu anjo da guarda, querida. Pode contar comigo para protegê-la.

Amo você,

Jim

Com lágrimas nos olhos, Julie estendeu o braço para dentro da caixa. O filhote se aconchegou em sua mão. Ela o ergueu e o levou até perto de seu rosto. O cão era pequeno e dava para sentir suas costelas enquanto ele tremia.

Ele era feio mesmo, pensou. E ficaria do tamanho de um cavalo pequeno. O que ela faria com um cão daqueles?

Por que Jim não lhe dera um schnauzer miniatura com bigode cinzento ou um cocker spaniel com olhos redondos e tristes? Algo mais simples? Um cão fofinho que pudesse se aninhar no colo dela de vez em quando?

O filhote, um macho, começou a ganir, um lamento agudo que aumentava e diminuía como o eco do apito de um trem ao longe.

– Shh... você vai ficar bem – sussurrou ela. – Não vou machucá-lo...

Julie continuou a falar baixinho com o filhote, deixando que ele se acostumasse com ela e ainda assimilando o que Jim fizera. O cachorrinho continuou a ganir, quase como se acompanhando a música ao fundo, e Julie acariciou o pescoço dele.

– Está cantando para mim? – perguntou, sorrindo pela primeira vez. – É o que parece, sabe?

Por um momento, o cão parou de ganir e olhou para ela, sustentando seu olhar. Então começou a ganir de novo, embora desta vez não parecesse tão assustado.

– Singer – sussurrou ela. – Acho que vou chamá-lo de Singer.

1

Quatro anos depois

Nos anos que se seguiram à morte de Jim, Julie Barenson de algum modo conseguiu retomar a vida. Mas isso não aconteceu logo. Os primeiros anos foram difíceis e solitários, mas com o tempo sua perda se transformou em algo mais suave. Embora amasse Jim e soubesse que parte dela *sempre* o amaria, a dor não era mais tão forte quanto antes. Ela se lembrava das lágrimas e de como a vida se tornara vazia depois da morte dele, mas a dor dilacerante havia ficado para trás. Agora, quando pensava em Jim, era com um sorriso no rosto, grata por ele ter feito parte de sua vida.

Também se sentia grata por Singer. Jim tinha feito a coisa certa ao comprar o cão para ela. De certo modo, o cachorro lhe possibilitara seguir em frente.

Mas neste momento, deitada na cama em uma manhã fria de primavera em Swansboro, Julie não pensava no apoio maravilhoso que Singer representara para ela nos últimos quatro anos. Em vez disso, maldizia a existência dele enquanto se esforçava para respirar e pensava: não acredito que vou morrer assim.

Esmagada na cama pelo meu próprio cão.

Com Singer esparramado em cima dela, Julie imaginou seus lábios ficando azuis por falta de oxigênio.

– Levante-se, seu cão preguiçoso – disse, ofegante. – Você está me matando.

Roncando profundamente, Singer não deu ouvidos a Julie, que começou a se contorcer, tentando acordá-lo. Sufocando sob seu peso, tinha a sensação de que havia sido enrolada num cobertor e jogada num lago, como a Máfia costumava fazer com seus desafetos.

– Estou falando sério – disse com dificuldade. – Não consigo respirar.

Singer enfim levantou sua grande cabeça, piscou os olhos e a encarou, sonolento. *Por que esse barulho todo?* – parecia perguntar. *Não está vendo que estou tentando descansar?*

– Saia! – ordenou Julie.

Singer bocejou, encostando seu focinho frio no rosto dela.

– Ok, ok, bom dia. Agora saia.

Com isso, Singer bufou e se levantou, pisoteando várias partes do corpo de Julie. Ele ficou mais alto. Mais alto. E mais alto. Um instante depois, assomava acima dela com um único fio de baba escorrendo da boca, parecendo ter saído de um filme de terror barato. Meu Deus, pensou Julie, ele é *enorme.* A esta altura eu já devia ter me acostumado com isso. Ela respirou fundo e olhou para Singer, franzindo as sobrancelhas.

– Eu falei que você podia dormir na minha cama?

Singer costumava dormir em um canto do quarto de Julie. Mas nas duas últimas noites havia se esgueirado para a cama e deitado ao lado dela. Ou, mais exatamente, em cima dela. Cão maluco.

Singer abaixou a cabeça e lambeu o rosto de Julie.

– Não, não desculpo – disse ela, afastando-o. – Nem tente se safar. Você poderia ter me matado. Sabia que tem quase o dobro do meu peso? Agora saia da cama.

Singer gemeu como uma criança amuada e pulou para o chão. Julie se sentou na cama, com o peito e as costas doendo. Olhou para o relógio e pensou: Já? Ela e Singer se espreguiçaram ao mesmo tempo, antes de Julie afastar as cobertas.

– Venha – chamou. – Vou deixá-lo ir lá fora antes de eu entrar no chuveiro. Mas não revire as latas de lixo dos vizinhos de novo. Eles deixaram uma mensagem grosseira na secretária eletrônica.

Singer olhou para ela.

– Eu sei, eu sei – disse Julie. – É só lixo. Mas algumas pessoas são estranhas mesmo.

Singer saiu do quarto e foi até a porta da frente. Julie o seguiu, girando os ombros para relaxá-los. Fechou os olhos por apenas um instante. Grande erro. Ao sair do quarto, bateu com um dos dedos do pé na cômoda. Ela deu um grito e começou a praguejar, combinando os mais incríveis palavrões. Pulando num pé só e vestida com seu pijama cor-de-rosa, tinha certeza de que estava parecendo uma versão louca daquele coelho da propaganda das pilhas Energizer. Singer apenas lhe lançou um olhar que parecia dizer: *Por que está demorando tanto? Foi você que me acordou, portanto ande logo. Tenho coisas a fazer lá fora.*

Ela gemeu.

– Não está vendo que eu me machuquei?

Singer bocejou de novo e Julie esfregou o dedo do pé antes de segui-lo, mancando.

– Obrigada por me ajudar. Você é inútil numa emergência.

Logo depois de pisar no dedo machucado de Julie – ela *sabia* que ele tinha

feito isso de propósito –, Singer saiu. Em vez de se dirigir às latas de lixo dos vizinhos, perambulou pelos terrenos arborizados e vazios que ficavam ao lado da casa de Julie. Ela o viu virando sua grande cabeça de um lado para o outro, como se estivesse se certificando de que ninguém houvesse plantado árvores ou arbustos novos na véspera. Todos os cachorros gostavam de marcar seus territórios, mas Singer parecia achar que, se tivesse lugares suficientes para se aliviar, seria coroado o rei de todos os cães do mundo. Pelo menos isso deixava Julie livre dele por algum tempo.

Deus, obrigada por isso, pensou Julie. Nos últimos dias, Singer a estava enlouquecendo. Seguia-a por toda parte, recusando-se a perdê-la de vista por um instante sequer, exceto quando ela o deixava sair. Julie não conseguia nem lavar a louça sem esbarrar nele uma dúzia de vezes. E à noite era ainda pior. Na noite passada Singer tivera um ataque de uivos, intercalados com latidos ocasionais. Isso deixou Julie pensando se deveria comprar uma casa de cachorro com isolamento acústico ou uma espingarda.

Não que Singer algum dia tivesse sido... bem, normal. Com exceção da questão de demarcar o território, ele sempre agira como se fosse humano. Recusava-se a comer numa tigela, nunca precisava de guia na coleira e, quando Julie assistia à televisão, subia no sofá e olhava para a tela. Quando Julie falava com ele – ou melhor, sempre que alguém falava com ele –, Singer inclinava a cabeça e olhava atentamente, como se estivesse acompanhando a conversa. Na metade das vezes parecia mesmo entender o que Julie dizia. Não importava o que ela falasse ou quão absurda fosse a ordem, Singer obedecia. *Pode buscar minha bolsa?* Singer voltava saltitando com a bolsa um momento depois. *Pode apagar a luz do quarto?* Ele se equilibrava sobre duas patas e apertava o interruptor com o focinho. *Ponha esta lata de sopa na despensa, está bem?* Ele a carregava em sua boca e a colocava na prateleira. É claro que há outros cães bem treinados, mas não tanto assim. Além do mais, Singer não precisara de treinamento. Pelo menos não de treinamento formal. Tudo o que Julie fizera fora lhe mostrar as coisas uma única vez. Para os outros isso parecia muito estranho, mas Julie gostava disso, pois fazia com que ela se sentisse um Dr. Dolittle moderno.

Mesmo que isso significasse dizer frases completas para o cão, ter discussões com ele e lhe pedir conselhos de vez em quando.

Não era tão estranho assim, era?, perguntava a si mesma. Eles estavam juntos desde que Jim morrera e durante a maior parte do tempo Singer era uma ótima companhia.

Contudo, o cão vinha agindo de modo estranho desde que ela voltara a sair e não tinha gostado de nenhum dos homens que apareceram à sua porta nos

últimos meses. Julie esperava que isso fosse acontecer. Desde filhote Singer tendia a rosnar para os homens quando os via pela primeira vez. Julie costumava pensar que Singer tinha um sexto sentido que lhe permitia distinguir os homens bons dos que ela deveria evitar, mas mudara de opinião recentemente. Agora não conseguia deixar de pensar que o cão era uma versão grande e peluda de um namorado ciumento.

Isso se tornaria um problema, concluiu. Precisaria ter uma conversa séria com ele. Singer não queria que ela ficasse sozinha, queria? É claro que não. Ele poderia demorar um pouco para se habituar a ter outra pessoa por perto, mas acabaria se acostumando. Com o tempo, até ficaria feliz por ela. Mas qual seria a melhor maneira de explicar tudo isso a ele?, perguntou-se.

Julie parou por um momento, refletindo, antes de perceber as implicações do que estava pensando.

Explicar tudo isso a ele? Pelo amor de Deus! Estou ficando louca.

Foi mancando até o banheiro, para se arrumar para o trabalho, tirando o pijama no caminho. Em pé na frente da pia, fez uma careta ao ver seu reflexo no espelho. Olhe só para mim, pensou: tenho 29 anos e estou um caco. Suas costelas doíam quando ela respirava, seu dedão do pé latejava e ela se deu conta de que o espelho não estava ajudando em nada. Durante o dia, seus cabelos castanhos eram longos e lisos, mas depois de uma noite de sono pareciam ter sido atacados por gnomos. Estavam desgrenhados e eriçados, "em posição de defesa", como Jim costumava dizer. O rímel havia borrado seu rosto. Ela estava com a ponta do nariz vermelha e os olhos verdes inchados por causa do pólen da primavera. Mas uma ducha resolveria isso, não resolveria?

Bem, talvez não o problema da alergia. Ela abriu o armário de remédios e tomou um antialérgico antes de se olhar de novo no espelho, como se esperasse ver uma súbita melhora.

Argh.

Pensou que, no fim das contas, não teria que se esforçar muito para fazer com que Bob perdesse o interesse nela. Havia um ano que ela cortava os cabelos dele – ou o que restava deles. Dois meses antes, Bob enfim criara coragem para convidá-la para sair. Ele não era o homem mais bonito do mundo – estava ficando careca, tinha um rosto redondo, olhos muito próximos e uma barriguinha saliente –, mas era solteiro e bem-sucedido e Julie não saía com ninguém desde a morte de Jim. Ela imaginara que essa seria uma boa oportunidade para voltar a ter encontros. Ledo engano. Havia um bom motivo para Bob ser solteiro. Ele não era apenas feio. Tinha sido tão enfadonho no restaurante que até as pessoas nas mesas próximas a olharam com pena. Seu assunto

favorito era contabilidade. Bob não demonstrara interesse em mais nada: no cardápio, no tempo, em esportes, em Julie, nem no vestido preto curto que ela usava. Só em contabilidade. Durante três horas ela o ouvira discorrer sobre deduções de imposto de renda e distribuições de lucro, depreciações e fundos. No fim do jantar, quando ele se inclinou sobre a mesa e confessou que "conhecia pessoas importantes na Receita Federal", os olhos de Julie já estavam vidrados.

Desnecessário dizer que Bob havia se divertido muito. Desde então telefonava três vezes por semana perguntando "se eles poderiam se encontrar para uma segunda consulta, he, he, he". Sem dúvida, Bob era persistente. Chato à beça, mas persistente.

Então houve Ross, o médico, o segundo homem com quem ela saiu. Ross, o belo; o pervertido. Um encontro com ele foi suficiente, obrigada.

E não podia se esquecer do bom e velho Adam. Ele disse que trabalhava para o condado, que gostava do que fazia e que era apenas um homem comum.

Julie descobriu que Adam trabalhava nos esgotos.

Embora ele não cheirasse mal, não tivesse substâncias desconhecidas sob as unhas e seus cabelos não fossem ensebados, Julie sabia que jamais aceitaria a ideia de que um dia Adam poderia aparecer à sua porta com essa aparência. *Houve um acidente nas instalações, querida. Desculpe-me por voltar para casa assim.* Sentia arrepios só de pensar nisso. Tampouco conseguia se imaginar separando as roupas de trabalho dele para lavar. O relacionamento estava fadado ao fracasso.

Foi justamente quando Julie começara a se perguntar se ainda existiam pessoas normais como Jim ou o que nela parecia atrair homens esquisitos – como um letreiro em néon anunciando "Disponível, Normalidade Não Exigida" – que Richard entrou em cena.

E por milagre, mesmo depois do primeiro encontro, no sábado, ele ainda parecia... *normal.* Consultor da J. D. Blanchard Engineering – a empresa que estava consertando a ponte sobre o Intracoastal Waterway –, nos arredores de Cleveland, eles se conheceram quando Richard foi ao salão para cortar os cabelos. Acabaram combinando de sair. Durante o encontro, ele abriu as portas para ela, sorriu nos momentos certos, pediu o jantar de Julie ao garçom e não tentou beijá-la ao se despedir. O melhor de tudo: Richard era bonito de um modo artístico, com maçãs do rosto proeminentes, olhos cor de esmeralda, cabelos pretos e bigode. Depois que ele a deixou em casa, Julie teve vontade de gritar: *Aleluia! Encontrei a luz!*

Singer não parecera tão impressionado. Depois que ela se despediu de Ri-

chard, o cão fez uma de suas cenas de "quem manda aqui sou eu", rosnando até Julie abrir a porta.

– Ah, pare com isso – disse ela. – Não seja tão duro com ele.

Singer fez o que ela mandou, mas se retirou para o quarto, onde ficou amuado pelo resto da noite.

Se meu cão fosse um pouco mais bizarro, pensou Julie, poderíamos participar de um show de variedades, bem ao lado do homem que engole espadas. Mas minha vida também não tem sido exatamente normal.

Julie abriu a torneira e entrou no chuveiro, tentando parar a torrente de lembranças. De que adiantava pensar nos momentos difíceis? Muitas vezes ela refletia que sua mãe tivera duas atrações fatais: bebida e homens nocivos. Qualquer uma delas já teria sido ruim, mas a combinação das duas fora insuportável para Julie. A mãe trocava de namorado toda hora e alguns deles fizeram Julie se sentir muito desconfortável ao chegar à adolescência. De fato, o último tinha tentado assediá-la e, quando Julie contou para a mãe, ela, com uma raiva chorosa provocada pelo álcool, a acusara de *se insinuar* para ele. Não demorou muito para Julie se ver sem casa.

Viver na rua foi apavorante, mesmo que não tenha sido por mais de seis meses, até Jim aparecer. A maioria das pessoas que Julie conhecia usava drogas, mendigava, roubava ou fazia coisa pior. Temendo se tornar como os fugitivos que via todas as noites nos abrigos e nos becos mal iluminados, Julie procurou desesperadamente qualquer serviço fora das ruas que lhe oferecesse um prato de comida. Aceitou todos os trabalhos humilhantes que lhe propuseram e manteve a cabeça baixa. Quando conheceu Jim num restaurante em Daytona, estava tomando uma xícara de café com os últimos trocados que lhe restavam. Jim pagou seu café da manhã e, ao sair, disse que faria a mesma coisa no dia seguinte, se ela voltasse. Faminta, Julie voltou, e quando lhe perguntou sobre seus motivos para fazer isso – presumira saber quais eram e havia se preparado para constrangê-lo em público falando sobre abuso de menores e tempo de prisão –, Jim negou ter quaisquer segundas intenções. No fim daquela semana, quando ele se preparava para ir para casa, fez uma proposta a Julie: se ela se mudasse para Swansboro, Carolina do Norte, ele a ajudaria a encontrar um emprego em tempo integral e um lugar para ficar.

Julie se lembrava de ter olhado para ele como se houvesse insetos saindo de suas orelhas.

Um mês depois, porém, como não tinha muita coisa programada em sua agenda, Julie foi para Swansboro. Ao saltar do ônibus, pensou: *O que estou fazendo aqui?* Mas, apesar do ceticismo inicial, procurou Jim, que a levou ao

salão de cabeleireiro para conhecer a tia Mabel. E, para sua surpresa, ela logo estava varrendo o chão em troca de um salário e morando no quarto em cima do salão.

No início, Julie ficou aliviada com a aparente falta de interesse de Jim. Depois, curiosa. A seguir, aborrecida. Por fim, após encontrar várias vezes com ele e fazer o que lhe pareceram insinuações descaradas, Julie se deu por vencida e perguntou a Mabel se Jim não a achava atraente. Só então ele pareceu entender a mensagem. Eles tiveram um encontro e, um mês mais tarde, os hormônios estavam à flor da pele. O verdadeiro amor veio pouco depois e Jim a pediu em casamento. A cerimônia foi na igreja onde ele havia sido batizado e Julie passou os primeiros anos de casada desenhando rostos sorridentes em todos os pedaços de papel que encontrava. Considerando seu passado, o que mais ela podia desejar?

Muito, como logo percebeu. Algumas semanas após o quarto aniversário de casamento, Jim teve uma convulsão ao voltar da igreja e foi levado às pressas ao hospital. Dois anos depois, o tumor cerebral o matou e, com 25 anos, Julie se viu obrigada a recomeçar. Acrescentando-se a isso o aparecimento inesperado de Singer, ela havia chegado a um ponto da vida em que nada mais a surpreendia.

Hoje em dia, pensava, eram as pequenas coisas que importavam. Eram os acontecimentos cotidianos que definiam quem ela era. Mabel, Deus a abençoe, tinha sido um anjo. Ajudara Julie a se tornar cabeleireira e a levar uma vida decente, sem extravagâncias. Henry e Emma, dois grandes amigos de seu marido, não só a ajudaram a se adaptar quando se mudara para a cidade, como continuavam próximos, mesmo depois da morte de Jim. E havia Mike, o irmão mais novo de Henry e melhor amigo de Jim na juventude.

No chuveiro, Julie sorriu. Mike.

Um dia ele faria uma mulher muito feliz, mesmo que às vezes parecesse um pouco perdido.

Alguns minutos depois, Julie se enxugou, escovou os dentes, penteou os cabelos, passou um pouco de maquiagem e se vestiu. Como seu carro estava na oficina, teria que ir a pé para o trabalho – cerca de um quilômetro e meio, seguindo pela mesma rua –, por isso calçou sapatos confortáveis. Quando estava prestes a sair, chamou Singer e quase não notou o que haviam deixado para ela.

Pelo canto do olho viu um cartão preso na tampa da caixa de correio.

Ela o abriu, curiosa, e leu o cartão na varanda enquanto Singer saía do bosque e vinha correndo em sua direção.

Querida Julie,
Eu me diverti muito no sábado. Não consigo parar de pensar em você.
Richard

Então esse era o motivo de Singer ter enlouquecido na noite passada.

– Está vendo? – disse ela estendendo o cartão para Singer. – Eu lhe disse que ele era um cara legal.

Singer lhe deu as costas.

– Não faça isso comigo. Você pode admitir que errou, sabe? Acho que só está com ciúme.

Singer esfregou o focinho nela.

– É isso? Você está com ciúme?

Julie não precisava se abaixar para acariciar as costas dele. Singer era mais alto do que ela quando era adolescente.

– Nada de ciúme, está bem? Fique feliz por mim.

Singer girou em volta dela e ergueu os olhos para Julie.

– Agora vamos. Temos que ir à pé porque Mike ainda está consertando o jipe.

Ao ouvir o nome de Mike, Singer abanou o rabo.

2

As letras das canções de Mike Harris deixavam muito a desejar e a voz dele não faria com que os executivos das gravadoras batessem à porta de sua casa, em Swansboro. Entretanto, ele tocava guitarra e ensaiava todos os dias, esperando que sua grande oportunidade estivesse próxima. Em dez anos, havia tocado em uma dúzia de bandas diferentes, desde as formadas por roqueiros cabeludos e barulhentos dos anos 1980 às de estilo country, singelo e meloso. No palco, usara de tudo, de calças de couro e pele de cobra a calças de vaqueiro e chapéus de caubói. Embora tocasse com um entusiasmo evidente e os membros das bandas gostassem dele, em geral era descartado após algumas semanas, sob a alegação de que as coisas não estavam funcionando por algum

motivo. Isso tinha acontecido vezes suficientes para que até Mike percebesse que talvez não fosse apenas um conflito de personalidade, embora ainda não conseguisse admitir que não era bom o bastante.

Ele também tinha um caderno em que, em seu tempo livre, anotava seus pensamentos, pretendendo usá-los num futuro romance. Porém o processo de escrita era mais difícil do que ele havia imaginado. Não que ele não tivesse ideias. Pelo contrário: tinha até de mais e não conseguia decidir o que deveria incluir na história ou não. No ano anterior, tentara escrever um romance policial ambientado num cruzeiro – algo no estilo de Agatha Christie, que incluía a costumeira dúzia de suspeitos. Mas ele achou que a trama não era muito empolgante, por isso tentou usar todas as ideias que já tivera: uma ogiva nuclear escondida em São Francisco, um policial corrupto que testemunhara o assassinato de John Fitzgerald Kennedy, um terrorista irlandês, a Máfia, um garoto e seu cão, um investidor em capital de risco inescrupuloso e um cientista que, viajando no tempo, escapara da perseguição do Sacro Império Romano. No fim das contas, o prólogo se estendera por centenas de páginas sem que os principais suspeitos tivessem entrado em cena. É claro que ele não levou o projeto adiante.

No passado, Mike também tentara desenhar, pintar, trabalhar com vitrais, cerâmica, entalhe em madeira e macramê. Fizera até algumas peças de arte livre numa explosão de inspiração que o mantivera afastado do trabalho durante uma semana. Juntou e soldou peças velhas de carros em três estruturas altas e desequilibradas e, quando terminou, sentou-se nos degraus da frente de sua casa, olhando com orgulho para o que fizera, sabendo no fundo do seu coração que enfim encontrara sua vocação. Esse sentimento durou uma semana, até que, numa reunião convocada às pressas, o conselho municipal expediu uma ordem de proibição de "lixo no quintal". Como muitas pessoas, Mike Harris tinha o sonho e o desejo de ser artista; só não tinha talento para isso.

Contudo, Mike conseguia consertar praticamente qualquer coisa. Era o perfeito faz-tudo, um verdadeiro cavaleiro de armadura brilhante quando apareciam vazamentos na pia da cozinha ou quando o triturador de lixo dava defeito. Além de um bom faz-tudo, ele era um Merlin dos tempos modernos quando se tratava de qualquer coisa com quatro rodas e um motor. Ele e Henry eram donos da oficina mais concorrida da cidade e, enquanto Henry lidava com a papelada, Mike se encarregava do trabalho de verdade. Carros importados ou nacionais, ele era capaz de consertar todos. Conseguia ouvir um motor – os silvos e cliques que ninguém mais ouvia – e descobrir o que estava errado, em geral em poucos minutos. Entendia de tubulações e válvulas de admissão,

amortecedores, pistões, radiadores e ajustes de chassis, e se lembrava do tempo de conserto de quase todos os carros que já haviam passado pela oficina. Era capaz de reconstituir motores sem precisar consultar um manual. Estava sempre com as pontas dos dedos manchadas de preto. Sabia que esse era um bom modo de ganhar a vida, mas às vezes desejava poder pegar uma pequena parte de todo esse talento e usar em outras áreas.

A tradicional fama de que os mecânicos e os músicos têm sucesso com as mulheres não se aplicava a Mike. Ele tivera apenas duas namoradas firmes. Uma delas no ensino médio. O outro namoro, com Sarah, terminara havia três anos. Então seria possível pensar que Mike não queria um relacionamento sério, ou mesmo um que durasse todo o verão. Às vezes ele mesmo refletia sobre isso, mas atualmente, mesmo que desejasse o contrário, parecia que todos os seus encontros terminavam com um beijo no rosto e a acompanhante lhe agradecendo por ser um ótimo amigo. Aos 34 anos, Mike Harris era mestre na doce arte de abraçar fraternalmente mulheres que choravam em seu ombro por um ex-namorado idiota. Não que Mike fosse feio. Tinha cabelos castanho-claros, olhos azuis e um sorriso sincero, além de um corpo em boa forma. Encaixava-se em todos os padrões de beleza. Também não era o caso de as mulheres não apreciarem sua companhia. O problema era que as mulheres com quem saía não sentiam que ele realmente queria manter um relacionamento com elas.

Seu irmão, Henry, e a esposa dele, Emma, sabiam por que as mulheres sentiam isso. Mabel sabia. Quase todos que Mike Harris conhecia também sabiam.

Mike era apaixonado por outra pessoa.

– Oi, Julie! Espere aí.

Julie tinha acabado de chegar ao velho bairro industrial na periferia de Swansboro e se virou ao ouvir Mike chamá-la. Singer a olhou e ela assentiu com a cabeça.

– Pode ir – falou Julie para o cachorro.

Singer correu e encontrou Mike no meio do caminho. Ele acariciou a cabeça e as costas do cão e depois coçou a parte de trás de suas orelhas. Quando Mike parou, Singer levantou e abaixou a cabeça, pedindo mais.

– Por enquanto chega, grandalhão – disse Mike. – Tenho que falar com Julie.

Os dois foram até ela e Singer se sentou ao lado de Mike, ainda esperando mais carinho.

– Oi, Mike – cumprimentou Julie. – O que foi?

– Nada importante. Só queria lhe dizer que o jipe está pronto.

– O que havia de errado com ele?

– O alternador.

Exatamente o que ele dissera na sexta-feira, quando Julie deixara o carro lá.

– Você teve que trocá-lo?

– Sim. O seu estava ruim. Não foi difícil, porque a revendedora tinha bastante em estoque. A propósito, também consertei o vazamento de óleo. Tive que trocar um anel de vedação do filtro.

– Havia um vazamento de óleo?

– Não notou as manchas na garagem?

– Na verdade, não, mas não prestei atenção.

Mike sorriu.

– Bem, como eu disse, isso também está consertado. Quer que eu traga o carro agora?

– Não, virei buscá-lo depois. Só vou precisar dele mais tarde. Estou com a agenda lotada hoje. Você sabe como são as segundas-feiras. – Ela sorriu. – Então, como foi no Clipper? Infelizmente não pude ir.

Mike havia passado o fim de semana tocando rock grunge com um grupo de jovens que acabara de sair do ensino médio e não sonhava com nada além de conhecer garotas, beber cerveja e passar os dias assistindo à MTV. Mike era pelo menos 12 anos mais velho do que qualquer um deles. Quando mostrou a Julie as calças largas e a camiseta surrada que usaria no show, ela fez um sinal afirmativo com a cabeça e dissera, "Que legal", mas na verdade queria dizer: *Você vai fazer papel de ridículo.*

– Bem, eu acho – respondeu Mike.

– Só isso?

Ele deu de ombros.

– Esse não é meu tipo de música mesmo.

Julie assentiu. Embora gostasse *dele,* não gostava muito de sua voz. Singer, porém, parecia adorá-la. Sempre que Mike cantava para amigos, ele o acompanhava uivando. As pessoas diziam que aquilo era uma disputa para ver quem faria sucesso primeiro.

– Quanto devo pelo conserto? – perguntou ela.

Mike pareceu pensar na resposta, coçando distraidamente o queixo.

– Dois cortes de cabelo devem ser suficientes.

– Ora, Mike. Deixe-me pagar desta vez. Pelo menos as peças. Tenho o dinheiro, você sabe.

No último ano, o jipe, um modelo antigo CJ7, tinha ido para a oficina três vezes. Nesse meio-tempo, Mike conseguira dar um jeito de mantê-lo funcionando.

– Você está pagando – protestou Mike. – Embora meus cabelos estejam rareando, ainda precisam de um corte de vez em quando.

– Bem, dois cortes não me parecem uma troca justa.

– O conserto não demorou muito. E as peças não foram caras. O homem me devia um favor.

Julie ergueu ligeiramente o queixo.

– Henry sabe que você está fazendo isso?

Mike abriu os braços, com um ar inocente.

– É claro que sabe. Ele é meu sócio. E, além disso, foi ideia dele.

Até parece, pensou ela.

– Bem, obrigada – disse Julie por fim.

– Foi um prazer.

Mike fez uma pausa. Queria conversar um pouco mais, só que não sabia o que dizer. Olhou na direção de Singer. O cão o observava atentamente, com a cabeça inclinada para o lado, como se o encorajasse: *Vá em frente, Romeu. Nós dois sabemos o verdadeiro motivo de você estar falando com ela.* Mike engoliu em seco.

– Então, como foi com... hum... – Ele tentou parecer o mais casual que pôde.

– Richard?

– Sim. Richard.

– Foi legal.

– Ah.

Mike aquiesceu, sentindo gotas de suor se formando em sua testa. Perguntou-se como podia fazer tanto calor neste início de manhã.

– E... aonde vocês foram? – perguntou ele.

– À Slocum House.

– Bem elegante para um primeiro encontro – observou Mike.

– Era lá ou Pizza Hut. Ele me deixou escolher.

Mike transferiu o peso do corpo de um pé para o outro, esperando para ver se Julie diria mais alguma coisa. Ela não disse.

Isso não era bom, pensou ele. Richard era bem diferente de Bob, o romântico fanático por números. E de Ross, o maníaco sexual. E de Adam, dos esgotos de Swansboro. Com concorrentes desse tipo, Mike achava que tinha uma chance. Mas com Richard? Com a Slocum House? *Isso era legal?*

– Então... vocês se divertiram? – perguntou ele.

– Sim, nós nos divertimos.

Ah, se divertiram? Muito? Isso não era nada bom, pensou ele.

– Fico feliz em saber – mentiu, fazendo o possível para demosntrar entusiasmo.

Julie pegou no braço dele.

– Não se preocupe, Mike. Você sabe que sempre gostarei muito de você, não é?

Mike enfiou as mãos nos bolsos.

– Só porque eu conserto seu carro.

– Não se subestime. Você também ajudou a consertar meu telhado.

– E a máquina de lavar.

Julie se inclinou e deu um beijo no rosto dele. Depois apertou seu braço.

– O que posso dizer, Mike? Você é um cara legal.

Enquanto caminhava para o salão, Julie sentiu os olhos de Mike cravados nela, mas ao contrário do que sentia com a atenção de alguns homens, isso não a incomodava. Ele é um bom amigo, pensou. E logo se corrigiu. Na verdade Mike era um *ótimo* amigo, alguém que ela não hesitaria em chamar numa emergência. O tipo de pessoa que tornava a vida em Swansboro muito mais fácil só pelo fato de ela saber que sempre poderia contar com ele. Amigos como Mike eram raros, por isso Julie se sentia mal por lhe esconder alguns dos aspectos mais íntimos de sua vida – como alguns de seus encontros recentes.

Julie não tinha coragem de entrar em detalhes sobre isso, porque Mike… bem, não era nenhum segredo que ele gostava dela e Julie não queria ferir seus sentimentos. O que ela deveria ter dito? *Comparado com os outros, o encontro com Richard foi ótimo! É claro que eu sairia com ele de novo!* Havia anos que Julie sabia que Mike queria namorar com ela. Mas, além de considerá-lo seu melhor amigo, seus sentimentos por ele eram confusos. Como poderia ser diferente? Jim e Mike tinham sido grandes amigos. Mike foi padrinho do casamento deles, e foi nele que Julie procurou apoio depois da morte de Jim. Mike era como um irmão, e ela não podia apertar um botão e mudar subitamente seus sentimentos por ele.

Mas não era só isso. Como Jim e Mike tinham sido amigos íntimos, e Mike fizera parte de sua vida com o marido, só de se imaginar saindo com ele despertava nela um vago sentimento de traição. O que Jim pensaria disso? Ela algum dia conseguiria olhar para Mike sem pensar em Jim e nos momentos em que estiveram todos juntos? Julie não sabia. E o que aconteceria se eles

saíssem, mas por algum motivo as coisas não dessem certo? Tudo poderia mudar e ela não suportaria perder a amizade de Mike. Era mais fácil deixar as coisas como estavam.

Ela suspeitava de que Mike soubesse disso tudo e provavelmente era por esse motivo que nunca a tinha convidado para sair, embora estivesse claro que desejava fazer isso.

Às vezes, porém, Julie tinha a sensação de que Mike tentava reunir coragem para convidá-la – como no último verão, quando eles estavam praticando esqui aquático com Henry e Emma. Nesses momentos, ele ficava um tanto engraçado. Em vez de ser o Sr. Contente – o primeiro a rir das piadas, mesmo das que o tinham como alvo, aquele que não se importava de sair para comprar mais cerveja na loja de conveniência –, Mike de repente ficava calado, como se suspeitasse de que todo seu problema com Julie fosse que ela não o considerava bom o suficiente. Em vez de rir do que os outros diziam, ele piscava, revirava os olhos ou examinava as unhas. Naquele dia no barco, quando ele sorriu para ela, parecia estar tentando dizer: *Ei, querida, que tal a gente ir embora e fazer algo realmente divertido?* Quando Mike ficava desse jeito, Henry tornava-se implacável. Ao notar a súbita mudança de atitude do irmão mais novo, Henry lhe perguntou o que ele tinha comido no almoço, porque não parecia muito bem.

O ego de Mike desinflou imediatamente.

Ao pensar nisso, Julie sorriu. Pobre Mike.

No dia seguinte ele voltara a ser o mesmo de sempre. E Julie gostava muito mais dessa versão. Entediava-se com homens duros e frios, que consideravam sorte da mulher ter a companhia deles, ou que arranjavam brigas em bares para mostrar a todo mundo que não tinham medo de nada. Homens como Mike eram um prêmio, não importava como ela o visse. Ele era bom e bonito. Julie gostava do modo como os cantos de seus olhos se enrugavam quando ele sorria e adorava suas covinhas. Tinha aprendido a apreciar seu jeito de descartar as más notícias com um simples dar de ombros. Gostava de homens que riam, e Mike ria muito.

Ela adorava sua risada.

Mas sempre que começava a seguir essa linha de raciocínio, Julie logo ouvia uma voz interior dizer: *Não faça isso. Mike é seu melhor amigo e você não quer estragar as coisas, quer?*

Enquanto refletia sobre isso, Singer a cutucou com o focinho, afastando-a de seus pensamentos. O cão ergueu os olhos para ela.

– Sim, pode ir, seu vadio – disse-lhe.

Singer trotou à frente dela, passou pela padaria e depois virou na direção do salão de Mabel, que estava com a porta aberta. A mulher dava um biscoito a ele todos os dias.

– Então, como foi o encontro da Julie? – perguntou Henry por sobre a borda de um copo de isopor. Ele estava encostado na porta, perto da cafeteira.

– Não perguntei a ela sobre isso – respondeu Mike, seu tom sugerindo que isso seria ridículo. Ele vestiu o macacão de trabalho sobre seus jeans.

– Por que não perguntou?

– Nem pensei nisso.

– Hum – murmurou Henry.

Henry tinha 38 anos, quatro a mais que Mike, e de muitos modos era o alter ego mais maduro do irmão. Mais alto e mais pesado, estava chegando à meia-idade com uma barriga que crescia no mesmo ritmo que seus cabelos diminuíam. Casado com Emma havia 12 anos, com três filhas pequenas e morando numa casa em vez de num apartamento, ele gozava de certa estabilidade na vida. Ao contrário de Mike, nunca sonhara em ser artista. Na universidade, especializara-se em finanças empresariais. E, como a maioria dos primogênitos, não conseguia evitar a sensação de que tinha que cuidar do irmão mais novo, certificar-se de que ele estava bem e de que não fizesse coisas de que mais tarde se arrependeria. Alguns o considerariam insensível por seu apoio fraternal incluir provocações, insultos e até comentários irônicos. Mas de que outra forma ele poderia trazer Mike de volta à realidade? Henry sorriu. Alguém tinha que zelar por Mike.

– Eu só queria dizer a ela que o carro está pronto.

– Já? Achei que você tivesse dito que estava com um vazamento de óleo.

– Eu disse.

– E já o consertou?

– Só levei algumas horas.

– Hum... – Henry fez um sinal afirmativo com a cabeça, pensando: *Se você se derreter um pouco mais, maninho, poderão servi-lo como calda de sorvete.* Mas não falou nada. – Então foi isso que você fez esse fim de semana? Trabalhou no carro dela?

– Não o tempo todo. Também toquei no Clipper, mas acho que você se esqueceu disso, não foi?

Henry ergueu as mãos, na defensiva.

– Você sabe que prefiro Garth Brooks e Tim McGraw. Não gosto muito dessas coisas novas. E, além disso, os pais de Emma vieram jantar conosco.

– Eles também poderiam ter ido.

Henry riu e quase derramou o café.

– Sim, certo. Pode imaginar os dois lá? Eles acham que a música que toca nos elevadores é alta demais e que o rock é a forma de Satanás controlar a mente das pessoas. Os ouvidos deles sangrariam se fossem ao Clipper.

– Vou contar isso para Emma.

– Ela concordaria comigo. Na verdade são palavras dela, não minhas. Então, como foram as coisas? Quero dizer, no Clipper.

– Bem.

Henry assentiu, entendendo perfeitamente.

– Sinto muito.

Mike deu de ombros enquanto fechava o zíper do macacão.

– Quanto você cobrou pelo conserto do carro da Julie dessa vez? Três lápis e um sanduíche?

– Não.

– Uma pedrinha brilhante?

– Rá, rá, rá.

– Falando sério. Só estou curioso.

– O de sempre.

Henry assobiou.

– Ainda bem que sou eu que cuido da contabilidade aqui.

Mike lhe lançou um olhar impaciente.

– Você também teria proposto uma troca.

– Eu sei.

– Então por que está resmungando sobre isso?

– Porque quero saber como foi o encontro dela.

– E o que uma coisa tem a ver com a outra?

Henry sorriu.

– Não sei ao certo, maninho. O que você acha?

– Acho que você tomou café demais esta manhã e não está raciocinando direito.

Henry terminou de beber o café da xícara.

– Sabe, talvez você tenha razão. Estou certo de que você não se importa nem um pouco com o encontro de Julie.

– É isso aí.

Henry pegou a cafeteira e se serviu de outra xícara.

– Então provavelmente também não está interessado em saber o que Mabel pensa sobre isso.

Mike ergueu os olhos.

– Mabel?

Sem pressa, Henry pôs creme e açúcar no café.

– Sim, Mabel. Ela os viu na noite de sábado.

– Como você sabe?

– Ela me contou ontem, quando nos encontramos na igreja.

– Contou?

Henry deu as costas para Mike e se dirigiu ao escritório, sorrindo.

– Mas, como você disse que não está interessado, vou parar por aqui.

Sabia que Mike continuaria paralisado do lado de fora da porta, muito depois de ele se sentar à escrivaninha.

3

Embora Andrea Radley tivesse obtido sua licença de esteticista um ano atrás e houvesse nove meses que trabalhava para Mabel, ela não era a melhor funcionária do salão. Costumava tirar dias de folga sem se dar o trabalho de avisar e, quando ia trabalhar, quase nunca era pontual. Também não era muito chegada a pentear e cortar cabelos, pelo menos não seguindo as instruções dos clientes. Não fazia diferença se eles lhe traziam uma foto ou lhe explicavam devagar e com clareza exatamente o que queriam, Andrea cortava os cabelos de todos eles da mesma maneira. Não que isso importasse. Ela já tinha quase o mesmo número de clientes que Julie, embora não admirasse que todos fossem homens.

Andrea era uma loura de 23 anos, pernas compridas e um eterno bronzeado que a fazia parecer ter vindo direto das praias da Califórnia, não da pequena cidade montanhosa de Boone, na Carolina do Norte, onde fora criada. E ela se esforçava ao máximo para cultivar essa imagem: por mais que estivesse frio, sempre ia trabalhar de minissaia. No verão, combinava a peça com blusas curtas e justas; no inverno, com botas de couro de cano alto. Chamava todos os

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br